

DISCUTINDO SOBRE A RELEVÂNCIA DA GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO

DISCUSIÓN SOBRE LA RELEVANCIA DE LA GEOGRAFÍA DE RIO DE JANEIRO EN CURRÍCULO DE EDUCACIÓN SECUNDARIA

MARGARIDA AMBROGI DA SILVA CUNHA

Pós-graduada em Geografia (UFRJ)

Professora do Colégio Pedro II – Campus São Cristóvão III

margarida.geo2008@gmail.com

RESUMO: ESTE ARTIGO TEM COMO PROPOSTA APRESENTAR PARTE DA MONOGRAFIA INTITULADA PENSANDO A GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO NO ENSINO MÉDIO QUE TEVE COMO OBJETIVO GERAL INVESTIGAR JUNTO AOS PROFESSORES E ALUNOS DO COLÉGIO PEDRO II, A PERTINÊNCIA OU NÃO DA INCLUSÃO DO TEMA RIO DE JANEIRO - ESTADO E METRÓPOLE - COMO UM ITEM ESPECÍFICO NO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO DE GEOGRAFIA, NO ENSINO MÉDIO. ESTA PESQUISA ADOTOU UMA ABORDAGEM QUALITATIVA POR ENFOCAR UMA QUESTÃO SOCIAL, O CURRÍCULO NO ÂMBITO ESCOLAR. A AMOSTRA DESSE ESTUDO FOI CONSTITUÍDA POR UM GRUPO DE 06 (SEIS) PROFESSORES E DE 57 (CINQUENTA E SETE) ALUNOS, QUE RESPONDERAM OS QUESTIONÁRIOS. NESTA MONOGRAFIA, OPTEI PELA ANÁLISE DE CONTEÚDO, SEGUNDO BARDIN (1977), DEVIDO À POSSIBILIDADE DE INFERÊNCIAS E CATEGORIZAÇÃO DAS RESPOSTAS. NESTE ARTIGO LANÇO MEU OLHAR SOBRE AS RESPOSTAS DOS PROFESSORES, QUE MOSTRARAM A RELEVÂNCIA DA INCLUSÃO DESTE CONTEÚDO NO CURRÍCULO, BEM COMO RESSALTARAM À CARÊNCIA DE MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO SOBRE O ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

PALAVRAS-CHAVE: RIO DE JANEIRO; ENSINO MÉDIO; CURRÍCULO; PROFESSORES.

RESUMEN: ESTE ARTÍCULO TIENE COMO OBJETIVO PRESENTAR PARTE DE LA MONOGRAFÍA TITULADA PENSAR LA GEOGRAFÍA DE RIO DE JANEIRO EN ESCUELA SECUNDARIA QUE TENÍA COMO PRINCIPAL OBJETIVO INVESTIGAR CON LOS PROFESORES Y ALUMNOS DEL COLEGIO PEDRO II, LA PERTINENCIA O NO DE LA INCLUSIÓN DEL TEMA DE RÍO DE JANEIRO - ESTADO Y METROPOLIS - COMO UN ELEMENTO ESPECÍFICO EN EL PLAN DE ESTUDIOS DE GEOGRAFÍA EN LA EDUCACIÓN SECUNDARIA. ESTA INVESTIGACIÓN ADOPTÓ UN ENFOQUE CUALITATIVO, CENTRÁNDOSE EN UN TEMA SOCIAL, EL PLAN DE ESTUDIOS EN LAS ESCUELAS. LA MUESTRA DE ESTE ESTUDIO CONSISTIÓ EN UN GRUPO DE SEIS (06) PROFESORES Y 57 (CINQUENTA Y SIETE) DE LOS ESTUDIANTES QUE RESPONDIERON A LOS CUESTIONARIOS. EN ESTA MONOGRAFÍA, HE OPTADO POR EL ANÁLISIS DE CONTENIDO, SEGÚN BARDIN (1977), DEBIDO A LAS POSIBLES INFERENCIAS Y CATEGORIZACIÓN DE LAS RESPUESTAS. EN ESTE ARTÍCULO ME ATENGO A LAS RESPUESTAS DE LOS PROFESORES, LAS CUALES DEMUESTRAN LA IMPORTANCIA DE LA INCLUSIÓN DE ESTOS CONTENIDOS EN EL PLAN DE ESTUDIOS, ASÍ COMO SE DESTACA LA FALTA DE MATERIAL DE ENSEÑANZA-APRENDIZAJE EN EL ESTADO DE RÍO DE JANEIRO.

PALABRAS-CLAVE: RÍO DE JANEIRO; EDUCACIÓN SECUNDARIA; PLAN DE ESTUDIOS; PROFESORES.

INTRODUÇÃO

A educação está entre as atividades mais elementares e necessárias da sociedade humana, que jamais permanecerá tal como é, porém se renova continuamente (...)
(ARENDT, 1972).

Este artigo tem como objetivo apresentar minha monografia intitulada “Pensando a Geografia do Rio de Janeiro no Ensino Médio” defendida em julho de 2011, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, no Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica – CESPEB, quando investiguei junto aos professores e alunos do Colégio Pedro II, onde exerço as funções de professora e coordenadora pedagógica da equipe de Geografia, a pertinência ou não da inclusão do tema Rio de Janeiro - Estado e Metrópole - como um item específico no conteúdo programático de Geografia, no Ensino Médio.

A referida monografia, além de discutir o currículo e os documentos curriculares relativos à geografia, também apresentou o universo representacional de seis professores de Geografia do Ensino Médio e de alunos de duas turmas da 3ª série do Ensino Médio (Curso Regular e Técnico Integrado em Informática) que se dispuseram a participar da pesquisa e analisou, através da aplicação de questionário, as concepções desses professores e alunos, sobre a relevância da geografia do Rio de Janeiro no currículo do Ensino Médio, tendo em vista que a Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ ainda mantém em seu vestibular, prova discursiva de Geografia. Neste artigo me disponho a apresentar a discussão feita a partir das respostas dos questionários aplicados aos professores sobre o assunto supracitado.

ANALISANDO AS RESPOSTAS DOS PROFESSORES...

Esta seção tem como finalidade a apresentação, a análise e a discussão dos dados colhidos nos questionários respondidos pelos seis

professores que participaram desta pesquisa. Os professores foram identificados pelos números de 1 a 6, a fim de preservar as suas identidades.

Neste momento, relato as questões propostas, as respostas dos professores e as análises feitas a cada uma das três perguntas do questionário, a saber:

1) Qual a pertinência do ensino de Geografia do Estado do Rio de Janeiro, no Ensino Médio?;

2) Em sua prática docente, o desenvolvimento do conteúdo programático sobre o Estado do Rio de Janeiro apresenta dificuldades? () Sim () Não;

3) Em caso afirmativo, quais as dificuldades encontradas, no que diz respeito ao conteúdo programático sobre o Estado do Rio de Janeiro em relação: a) ao meio ambiente; b) às questões socioeconômicas; c) ao material disponível e d) ao conhecimento prévio dos alunos.

A primeira questão indagava sobre a pertinência do ensino da geografia do Estado do Rio de Janeiro no Ensino Médio e a resposta do professor 1 foi a seguinte:

Fundamental. A importância reside no fato das avaliações pelas universidades públicas estarem abordando a cada ano, com mais frequência a realidade de nosso estado. E, também porque existe um desconhecimento por parte dos alunos (...), de outras regiões de nosso estado, além da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Ao analisar as duas primeiras frases da resposta do professor 1, fui levada a pensar que até bem pouco tempo era comum que as universidades fluminenses abordassem a temática Rio de Janeiro em suas provas de vestibular. Hoje, no entanto, com a utilização do Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, que tem caráter nacional, esse conteúdo passou a ter

menor destaque, conforme o exame 2010, que não teve nenhuma questão específica sobre o Rio de Janeiro.

Porém, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ não utiliza apenas o ENEM em seu processo de seleção. A UERJ realiza provas de qualificação com questões objetivas, num primeiro momento, e provas discursivas num segundo momento.

A Geografia é disciplina específica para alguns cursos (Ciências Sociais, Filosofia,

História, Pedagogia, Jornalismo, Relações Públicas e Serviço Social), e com isto, o conteúdo sobre o Estado e a Metrópole carioca são temas propostos em questões, nas duas fases, conforme exemplos a seguir, que fizeram parte da prova discursiva de 2010 (Figura 1) e na 1ª qualificação de 2011 (Figura 2).

Na continuidade de sua resposta, quando o professor se referiu ao desconhecimento dos alunos, considero relevante este destaque, uma vez que tanto em conversas informais quanto em

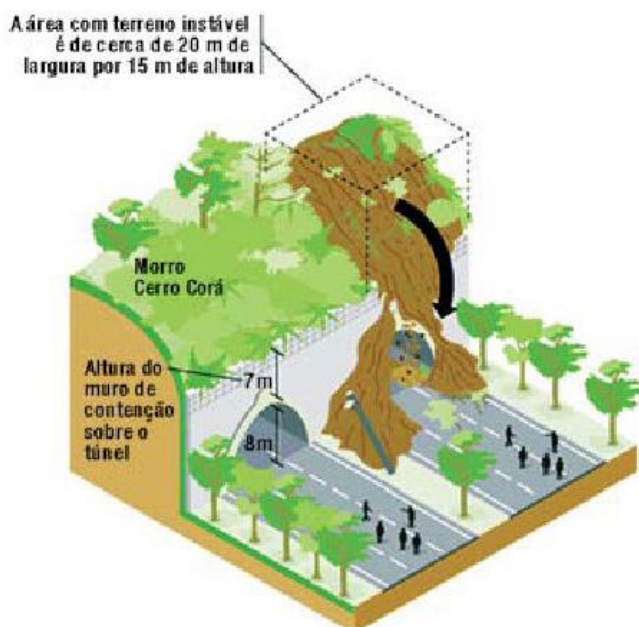


Figura 1 | *Questão discursiva do vestibular da UERJ 2010*

DESLIZAMENTO SOBRE O TÚNEL REBOUÇAS

A liberação do túnel Rebouças, no Rio de Janeiro, interditado desde a noite desta terça-feira (23), pode demorar uma semana. Grandes volumes de terra - num total de cerca de 6000 toneladas - deslizaram no local, segundo a Secretaria Municipal de Obras

Com base na notícia acima, apresente duas causas para a ocorrência de deslizamentos de encostas e duas medidas preventivas para impedir ou atenuar as consequências desse fenômeno.

Fonte: Caderno de Prova de Geografia. Exame discursivo/2ª fase - Questão 06. Vestibular UERJ, 2010.

Nilópolis	20,8%
Belford Roxo	19%
São Gonçalo	16,7%
Nova Iguaçu	14,9%
Niterói	13,2%
Duque de Caxias	12,7%
Seropédica	10,6%
Rio de Janeiro	0,6%

Figura 2 | *Questão objetiva do vestibular da UERJ de 2011*

REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO: PERCENTUAL DE PESSOAS QUE TRABALHAM OU ESTUDAM EM OUTROS MUNICÍPIOS (2005)

Adaptado de SANTANA, Fabio Tadeu e DUARTE, Ronaldo Goulart. **Rio de Janeiro: Estado e Metrópole**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.

A dinâmica interna de uma região metropolitana é extremamente complexa, dada a variedade das interações que se estabelecem entre os aglomerados que a compõem. Na tabela acima, evidencia-se o tipo de interação denominado de:

- (A) repulsão urbana
- (B) migração de retorno
- (C) movimento pendular
- (D) fluxo de transumância

Fonte: 1º Exame de qualificação UERJ/2011 – Ciências Humanas e suas Tecnologias, parte 2, questão 51.

suas respostas ao questionário aplicado para esta pesquisa, os alunos expressaram o desejo de um estudo específico sobre o Rio de Janeiro.

Vale ressaltar que o Estado do Rio de Janeiro, seja por apresentar características que o diferenciam no cenário nacional, seja pelos contrastes ambientais e socioeconômicos, a meu ver merece um estudo específico. Nesse mesmo sentido, o professor 2 considerou necessária a inclusão desta temática para

Possibilitar ao aluno perceber e analisar a evolução do espaço geográfico de sua própria cidade, desenvolvendo um ponto de vista crítico sobre as transformações no passado e no presente e, seus respectivos agentes transformadores.

Esta resposta poderia ser relacionada com uma das finalidades da Geografia Escolar que é estimular o pensamento crítico de seus alunos, a fim de que possam perceber que são partes integrantes do espaço em que vivem e que são sujeitos partícipes na produção/transformação/destruição deste espaço. Este meu pensar é ratificado por Carlos (1996) quando menciona que

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. (...) As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de usos, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo. (CARLOS, 1996, p. 19-20)

Suponho que, na medida em que se desenvolve nos alunos essa forma de pensar criticamente a apropriação do espaço, sua participação como agente transformador deste espaço se tornaria mais consciente. O professor 3, em consonância com os anteriores, considerou que: “Estudar a geografia do Estado do Rio de Janeiro é fundamental, pois o aluno completa o ciclo da Educação Básica sem ter tido a

oportunidade de pensar o seu espaço imediato criticamente.”

Ao iniciar a análise das respostas do professor 3 verifiquei aproximação de suas ideias com as do professor 2, em relação à primeira questão, pois ambos se preocupam com o pensar crítico do aluno em relação ao espaço em que vivem.

O professor 4 considerou o tema pertinente ao Ensino Médio em dois aspectos:

1º) Porque a inserção de uma escala de análise intermediária entre a (meso) local (a Região Metropolitana do Rio de Janeiro) e a regional tipicamente enfocada (Sudeste) ajuda a complexificar a leitura da espacialidade de forma geral. 2º) Por estar ligado à própria inserção da metrópole carioca nas mais variadas redes geográficas.

A complexidade destacada no depoimento do professor 4 reportou-me ao fato de que a Geografia ao realizar a leitura crítica do espaço, em busca de explicar diferentes realidades, ou seja, o dinamismo do espaço geográfico, emprega como referência diferentes escalas: a local, a regional, a nacional e a global.

Tal dinamismo é ratificado por Pontuschka (2004), quando considera que

Nesse vaivém ativo e permanente entre presente, passado, presente com projeções para o futuro, próximo e distante, o aluno vai abrindo a mente para compreender e explicar as diferenças entre os papéis dos homens na organização e na produção do espaço. (PONTUSCHKA, 2004, p. 262)

Na continuidade de sua resposta este professor fez referência às redes geográficas. Estas redes podem ser identificadas tanto no trânsito de pessoas entre a metrópole carioca e outras cidades do Estado do Rio de Janeiro, como também, no grande fluxo de pessoas e produtos entre a capital fluminense e a capital paulista, diferenciando assim, o papel econômico

do Estado do Rio de Janeiro em relação a outros estados de nosso país.

O professor 5, na questão 1, ressaltou a importância de “ampliar a compreensão das dinâmicas socioespaciais do Estado do Rio de Janeiro, possibilitando uma intervenção mais consciente e cidadã no espaço.”

Estas palavras me conduziram a pensar nas mudanças pelas quais passou a Geografia - que atingiram os alunos da Escola Básica nos anos 1980 – que recomendavam o fim do ensino, meramente, conteudista. Trata-se da geografia escolar crítica que segundo Vesentini (2004)

(...) preocupa-se basicamente com o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da criticidade do educando, com a cidadania, afinal, que é ao mesmo tempo o resultado e a condição da existência de cidadãos ativos e participantes, isto é, que questionam a realidade e (re)constróem os direitos democráticos ou direitos do homem (inclusive os direitos das minorias e o direito de ser diferente (...)).
(VESENTINI, 2004, p. 227)

O Professor 6 respondeu que é pertinente para “ajudá-los a perceber como muito dos processos que se manifestam nas escalas Brasil e Mundo se materializam no entorno próximo ao(s) seu(s) lugar(es).”

Esta resposta se destaca em importância tendo em vista que permite a contextualização dos fenômenos geográficos nacionais e globais na realidade mais próxima do aluno – o Estado do Rio de Janeiro.

Na questão 2, do tipo fechada, quando os professores foram questionados se tinham dificuldades em sua prática docente em relação ao desenvolvimento do conteúdo programático sobre o Estado do Rio de Janeiro, todos responderam que sim.

A questão 3, do tipo aberta, buscava saber quais seriam as dificuldades em relação ao meio ambiente, às questões socioeconômicas, ao material disponível e ao conhecimento prévio dos

alunos, sempre em relação ao Estado do Rio de Janeiro.

O professor 1 enfatizou a falta de material didático adequado para o ensino da geografia do Rio de Janeiro no Ensino Médio, com as seguintes palavras: “(...) a bibliografia publicada para ser usada pelo Ensino Médio é escassa e na maioria das vezes carece de atualizações.”

Ao ler esta resposta, penso que este foi um dos motivos que me levaram a propor um projeto que consistia na construção de um material para aprofundamento do processo ensino-aprendizagem dos alunos da 3ª série do Ensino Médio no que se refere ao conteúdo programático sobre o Estado do Rio de Janeiro.

Em relação às questões ambientais, este professor afirmou que “(...) quando se trata das questões ambientais, ainda estão muito voltadas para os municípios da região metropolitana, ignorando muitas vezes desafios ambientais que ocorrem em outros municípios.”

No tocante às questões socioeconômicas considerou que “(...) a abordagem destas questões quando feitas por jornais e periódicos acabam por carecer de um enfoque espacial (geográfico).”

A respeito do material disponível ponderou que “(...) toda produção acadêmica que existe no acervo das universidades públicas e privadas ainda não foi utilizada para a elaboração de um bom livro didático sobre a geografia do Rio de Janeiro.”

Quanto ao conhecimento prévio dos alunos mencionou que “(...) geralmente é muito restrito.”

Ao refletir sobre os trechos das respostas, acima destacados me perguntava até que ponto somente nos momentos de catástrofes ambientais os olhares dos especialistas e do público em geral se voltam para os municípios com menos visibilidade? Como pretender que a mídia apresente informações que tenham como referência um embasamento científico, e não apenas notícias impactantes? Será que o professor não poderia se valer de suas pesquisas individuais para enriquecer suas aulas e não se deter apenas ao livro didático? O que poderia ser feito a fim de

minimizar a carência de conhecimentos sobre a realidade fluminense na Educação Básica?

Estas indagações não tiveram por objetivo encontrar uma única resposta, mas propiciar momentos de reflexões, com a finalidade de repensar o processo ensino-aprendizagem.

O professor de nº2, em relação ao meio ambiente e às questões socioeconômicas destacou sentir dificuldades quanto à “delimitação cartográfica das áreas relativas a unidades de conservação no Estado (...); delimitação cartográfica das principais atividades relativas aos setores da economia e sua relação com a região metropolitana (...).”

Diante destas respostas, lembrei-me que ao organizar um plano de aula para aprofundamento e revisão destinados aos alunos da 3ª série do Ensino Médio, tive a oportunidade de localizar nos livros “Revisitando o Território Fluminense” (MARAFON & RIBEIRO, 2003) e “A Metrópole e o Interior Fluminense: simetrias e assimetrias geográficas” (RIBEIRO & MARAFON, 2009) capítulos específicos que trataram destes assuntos.

Quanto às atividades relativas aos setores econômicos, pude identificar em Seabra (2009) e em Biazzo (2009) uma delimitação espacial nos seguintes trechos:

O processo de modernização verificado em várias esferas produtivas atingiu a distribuição de gêneros agrícolas no Estado do Rio de Janeiro, reestruturando a configuração espacial e o papel dos agentes na produção, transporte e varejo de produtos agrícolas produzidos e vendidos no território fluminense, alterando a intensidade e o controle dos fluxos na rede de comercialização no Estado. (SEABRA, 2009, p. 183).

A participação do petróleo na economia dos municípios do Norte Fluminense foi fato novo para uma região em que uma formação socioespacial pretérita esteve atrelada quase unicamente à economia canavieira. (BLAZZO,

2009, p. 270).

Já em relação a unidades de conservação no Estado do Rio de Janeiro, Souza & Costa (2009) afirmam que

O Parque Ecológico do Mendanha, situado na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro exemplifica os problemas de grande parte de unidade de conservação do Estado do Rio de Janeiro. Trata-se de uma unidade de conservação cujos limites são vizinhos a conjuntos habitacionais para população de baixa renda. (SOUZA & COSTA, 2009, p. 240).

É importante ressaltar que estes exemplos não esgotam o que existe em relação às delimitações das unidades de conservação e atividades relativas aos setores da economia.

Quando o professor mencionou as dificuldades relativas ao material disponível referiu-se principalmente ao livro didático que não faz referência ao processo de evolução da configuração territorial do Estado do Rio de Janeiro e no tocante ao conhecimento prévio dos alunos, destacou que deveria haver “material didático que pudesse auxiliar no diagnóstico do nível de conhecimento do aluno sobre as especificidades geográficas da cidade do Rio de Janeiro”.

Será que este professor estaria sugerindo a aplicação de um teste sobre o conhecimento do Rio de Janeiro a seus alunos? Penso que um debate acerca deste tema seria mais instigante, pois propiciaria a participação do alunado e daria ao professor possibilidade de identificar (ou não) os seus conhecimentos.

O professor 3, no tocante às dificuldades afirmou que em relação ao meio ambiente, “os alunos muitas vezes dominam aspectos do meio ambiente global e ignoram questões locais e regionais”.

Quanto ao material disponível, “a defasagem já foi maior (...)”.

E, sobre o conhecimento prévio dos alunos afirmou que “estes conhecem muito pouco a

geografia do interior do Estado e têm dificuldades em diferenciar as escalas municipal, metropolitana e estadual”.

Ao ler as declarações acima, e a partir da vivência como professora de Geografia, compartilho do pensar do professor 3, quando além de perceber que os alunos, em geral, têm dificuldades em diferenciar as escalas espaciais, penso que nos dias de hoje estas podem ser minimizadas em face de já existirem materiais didáticos específicos sobre o Estado do Rio de Janeiro e sua capital.

O professor 4, no tocante às dificuldades encontradas, no que diz respeito ao conteúdo programático sobre o meio ambiente considerou que existe

a necessidade de superar as limitações do próprio discurso ambiental preservacionista “estéril” e superficial quanto à politização dos conflitos socioambientais, aprofundando-os sem cerrar os olhos para os aspectos econômicos a eles vinculados.

E que, em relação às questões socioeconômicas seria preciso “conseguir fixar com clareza a perspectiva de processos em constante transformação através da dinâmica dos próprios conflitos socioeconômicos baseados nas disparidades socioespaciais”.

Neste sentido, penso que, na atualidade, as transformações socioespaciais ocorrem muito rapidamente e as discussões sobre as questões ambientais estão potencializadas. No entanto, há um desafio a ser enfrentado: não cair em estereótipos.

O estudo do meio poderia ser um método de ensino-aprendizagem com a finalidade de contribuir para o entendimento dos conflitos e disparidades socioespaciais mencionados pelo professor.

Quanto ao material disponível alertou que

os livros didáticos adotados têm abrangência nacional e, por isso, são debilitados no que envolve os processos particulares de

cada estado brasileiro. Dessa maneira, a responsabilidade de produção do material recai inteiramente sobre o professor. Isso não é necessariamente negativo, uma vez que traz a possibilidade da produção de materiais mais direcionados ao enfoque selecionado pelo docente.

E, quanto ao conhecimento prévio dos alunos enfatiza que “as dificuldades vinculadas a esse aspecto surgem não do conhecimento prévio ou não dos alunos, mas sim nas barreiras encontradas no momento de relacionar o conteúdo abordado ao cotidiano discente”.

Em ambas as respostas, este professor considera que a responsabilidade seria do docente, tanto no que diz respeito à elaboração de um material didático adequado e eficiente quanto em sua contextualização junto aos alunos. A meu ver, a precarização do trabalho do professor pode dificultar que parte dessas metas sejam atingidas, principalmente, na produção de material, tendo em vista a extensa carga horária de trabalho de alguns docentes.

O professor 5, deixou de responder aos itens sobre o meio ambiente e sobre as questões socioeconômicas, mas, no que tange às dificuldades ao material disponível, fez referência a “escassez do material voltado para o público do Ensino Médio”; e quanto às dificuldades no tocante ao conhecimento prévio dos alunos afirmou que estas surgem “principalmente quando sobre a história das atividades econômicas estaduais”.

Em relação à escassez do material didático apontado pela resposta do professor em análise, admito que não exista um amplo acervo sobre a geografia do Estado do Rio de Janeiro para o Ensino Médio, porém, conforme mencionei na análise do professor 3 essa falta de material já esta sendo suprida por alguns autores dedicados a essa temática, dentre eles os livros “**Rio de Janeiro: Estado e Metrópole/Geografia: Ensino Médio**” (SANTANA & DUARTE, 2009); “**Regiões do Governo do Estado do Rio de Janeiro: uma contribuição geográfica**” (MARAFON et al., 2009) e “**Revisitando o Território Fluminense**”

(MARAFFON & RIBEIRO, 2003). Alguns sites (www.armazemdedados.rio.rj.gov.br, www.sosmatatlantica.org.br e www.rio.rj.gov.br/ipp) com informações e mapas também podem contribuir para o enriquecimento da prática docente de Geografia.

Ao dizer que os alunos têm dificuldades quanto à história das atividades econômicas estaduais, penso que este professor deixou em segundo plano tanto a questão da espacialidade quanto as das escalas municipal, metropolitana e estadual na abordagem das atividades econômicas.

E, por último, a análise das respostas do professor 6.

Quanto às dificuldades encontradas este professor respondeu apenas aos itens c e d, que tratam do material disponível e do conhecimento prévio dos alunos.

Em relação ao material disponível ressaltou que há “dificuldades quanto ao acesso a documentários que tratam dos processos e fenômenos de interesse da Geografia no estado, metrópole ou município do Rio de Janeiro”. E, também que “os livros didáticos disponíveis, evidentemente em função de estarem voltados para o mercado em nível nacional, não oferecem muitos instrumentos de análise da Geografia Fluminense.”

Quanto às dificuldades de acesso a documentários citadas pelo professor, em relação ao Estado do Rio de Janeiro, reconheço que não há extenso material nem impresso, nem em forma de vídeo, porém como já sinalizei em análises anteriores o material disponível tem aumentado e já existe na web (www.rio.rj.gov.br/ipp) um link chamado “Memória da Cidade e Sua Ocupação Urbana”, no qual podem ser encontradas imagens e animações sobre a geo-história carioca.

Ao analisar as coleções do livro didático (Programa Nacional do Livro Didático - PNLD/2012) para indicação pelo Departamento de Geografia do qual faço parte, para a vigência 2012/2014, pude constatar que, em consonância com o professor 6, nenhuma das coleções abordam, de maneira específica, a Geografia Fluminense.

Em relação ao conhecimento prévio dos alunos, afirma que estes chegam ao Ensino Médio “com precária familiaridade com o espaço fluminense, em suas diferentes dimensões”.

Este fato poderia ser parcialmente explicado pelo fato de os alunos terem acesso a esse conteúdo de forma sistemática, apenas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, momento em que o currículo de Geografia privilegia estudos sobre o bairro, a cidade e o Estado do Rio de Janeiro.

Porém, não haveria outras formas de obter conhecimento sobre a Geografia Fluminense ao longo de seu percurso até a chegada no Ensino Médio? Penso que o capital cultural que o aluno adquire através dos espaços midiáticos deva ser considerado.

CONSIDERAÇÕES MOMENTÂNEAS...

Este artigo pretendeu mostrar o pensamento de alguns professores de Geografia sobre a pertinência ou não da inclusão do ensino da geografia do Estado do Rio de Janeiro no Ensino Médio.

Assim sendo, retorno às indagações feitas nos questionários, a fim de registrar minhas impressões sobre os conteúdos das respostas obtidas.

Em relação à 1ª questão, que indagava sobre a relevância do estudo do Estado do Rio de Janeiro no Ensino Médio, tive como resultado a predominância pela inclusão desta temática. Esse resultado ratificou o meu pensar, no sentido de manter esta discussão com meus pares e continuar a produzir materiais para suprir tal demanda.

No tocante à 2ª questão, houve unanimidade quando responderam que sentiam dificuldades para desenvolver o conteúdo programático do Estado do Rio de Janeiro. Estas respostas confirmam a necessidade de discussão ampla sobre a Geografia Escolar e as possíveis mudanças do currículo atual.

Passo para a 3ª pergunta que versava

sobre os obstáculos presentes na prática docente em relação ao Estado do Rio de Janeiro. Embora as respostas tenham sido diversificadas, ressalto o grifo dado pelos professores quanto ao esquecimento das regiões do interior de nosso Estado e à valorização mais acentuada da Metrópole, e também à precarização do trabalho docente, fator que por vezes, inviabiliza a produção de materiais didático-pedagógicos.

Diante desses resultados, este artigo espera contribuir como base para novas discussões. Acredito que, a partir do que foi aqui apresentado e discutido, poder-se-á, na área da Geografia, levantar novas questões para futuros estudos, como por exemplo: De que maneira, nós, educadores, podemos compartilhar conhecimentos e trocar experiências, a fim de minimizar as dificuldades dos alunos, quando o alvo for a Geografia Fluminense

REFERÊNCIAS

- ARENDR, Hannah. **A crise na educação**. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BLAZZO, Pedro Paulo. Relações campo-cidade na região Norte-Fluminense: ruralidades e urbanidades em transformação. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo & MARAFON, Gláucio José (Org.). **A metrópole e o interior fluminense: simetrias e assimetrias geográficas**. Rio de Janeiro: Gramma, 2009. p. 265-284
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- MARAFON, G. J.; RIBEIRO, Miguel Angelo; SILVA, Claudia Arantes; SILVA, Eduardo Sol Oliveira da; LIMA, Marcos Rodrigues Ornelas de. **Regiões de governo do estado do Rio de Janeiro: uma contribuição geográfica**. Rio de Janeiro: Gramma, 2005.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, José William (Org.). **O Ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004. p. 249-288
- SANTANA, Fabio Tadeu & DUARTE, Ronaldo Goulart. **Rio de Janeiro: Estado e Metrópole**. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.
- SEABRA, Rogério dos Santos. A dimensão da rede geográfica no estudo da comercialização agrícola no Estado do Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Miguel Ângelo & MARAFON, Gláucio José (Org.). **A metrópole e o interior fluminense: simetrias e assimetrias geográficas**. Rio de Janeiro: Gramma, 2009. p. 183-207
- SOUZA, Anderson Barbosa de & COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. A agricultura familiar em unidade de conservação: Um estudo de caso do Parque Ecológico do Mendanha. In: MARAFON, Gláucio José & RIBEIRO, Miguel Ângelo (Org.). **Revisitando o Território Fluminense**. Rio de Janeiro: NEGEF, 2003. 252p. p. 237-251
- VESENTINI, José William. Realidades e perspectivas do ensino de geografia no Brasil. In: VESENTINI, José William (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papyrus, 2004. p. 219-248
- Sites
<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br> Acesso em: 30 mar. 2011.
<http://www.sosmatatlantica.org.br> Acesso em: 30 mar. 2011.
<http://www.rio.rj.gov.br/ipp> Acesso em: 30 mar. 2011.